

## CAPÍTULO CXXXI<sup>1</sup>

### De uma calúnia

Como eu acabava de dizer aquilo, pelo processo<sup>2</sup> ventríloco-cerebral, – o que era simples opinião e não remorso, – senti que alguém me punha a mão no ombro. Voltei-me; era um antigo companheiro, oficial de marinha, jovial, um pouco despejado de maneiras. Ele sorriu maliciosamente, e disse-me:

- Seu maganão! Recordações do passado, hem?<sup>3</sup>
- Viva o passado!
- Você naturalmente foi reintegrado no emprego.
- Salta, pelintra! disse eu, ameaçando-o<sup>4</sup> com o dedo.

Confesso que<sup>5</sup> este diálogo era uma indiscrição, – principalmente a última réplica.<sup>6</sup> E com tanto maior prazer o confesso, quanto que as mulheres é que têm fama de indiscretas,<sup>7</sup> e não quero<sup>8</sup> acabar o livro sem retificar essa noção do espírito humano. Em pontos de aventura amorosa, achei homens que sorriam, ou negavam a custo, de um modo frio, monossilábico, etc., ao passo que as parceiras não davam por si, e jurariam aos Santos Evangelhos<sup>9</sup> que era tudo uma calúnia. A razão desta diferença é que a mulher (salva a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor, ou seja o amor-paixão de Stendhal,<sup>10</sup> ou o puramente físico de algumas damas romanas, por exemplo, ou polinésias,<sup>11</sup> lapônias, cafres, e pode ser que outras raças civilizadas; mas o homem, – falo do homem de uma sociedade culta e elegante, – o homem conjuga a sua vaidade ao outro sentimento. Além disso<sup>12</sup> (e refiro-me sempre aos casos defesos),<sup>13</sup> a mulher, quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular com arte maior, tem de refinar a aleivosia; ao passo que o homem, sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso, e logo

<sup>1</sup> CAPÍTULO CXXXI] CAPÍTULO CXXXII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> aquilo, pelo processo] aquilo, – pelo processo – em MPBC1-1880.

<sup>3</sup> hem?] hein? – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> disse eu, ameaçando-o] retorqui-lhe ameaçando-o – em MPBC1-1880.

<sup>5</sup> Confesso que] Não tenho dúvida em confessar que – em MPBC1-1880.

<sup>6</sup> principalmente a última réplica.] principalmente a minha última réplica. – em MPBC1-1880.

<sup>7</sup> fama de indiscretas,] reputação de indiscretas, – em MPBC1-1880.

<sup>8</sup> e não quero] e eu não quero – em MPBC1-1880.

<sup>9</sup> Santos Evangelhos] Santos Evangelhos, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>10</sup> A obra de Stendhal mencionada nesta passagem é a mesma que contém, em seu segundo prefácio, a referência aos prováveis “cem leitores”, que Machado utiliza no prólogo “Ao leitor”, de Brás Cubas, no início do livro. Trata-se de *De l’amour* ([1822], que consultamos na edição de 1906). Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, a obra *De l’amour* (Paris: Calman Lévy, 1876).

<sup>11</sup> ou polinésias] polinésias – em MPBC1-1880.

<sup>12</sup> Além disso] Além disso, – em MPBC1-1880.

<sup>13</sup> defesos),] defesos) – em MPBC1-1880.

passa a outro sentimento menos ríspido e menos secreto, – essa boa fatuidade,<sup>14</sup> que é a transpiração luminosa do mérito.

Mas seja ou não verdadeira a minha explicação, basta-me deixar escrito nesta página, para uso dos séculos,<sup>15</sup> que a indiscrição das mulheres é uma burla inventada pelos homens; em amor, pelo menos, elas são um verdadeiro sepulcro. Perdem-se muita vez por desastradas, por inquietas, por não saberem resistir aos gestos, aos olhares; e é por isso que uma grande dama e fino espírito, a rainha de Navarra, empregou algures esta metáfora para dizer que toda a aventura amorosa vinha a descobrir-se por força, mais tarde ou mais cedo: “Não há<sup>16</sup> cachorrinho tão adestrado, que alfim lhe não ouçamos o latir.”

---

<sup>14</sup> essa boa fatuidade,] essa meiga fatuidade, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>15</sup> nesta página, para uso dos séculos,] nesta página para uso dos séculos – em MPBC1-1880.

<sup>16</sup> “Não há] “não há – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.